

Transferências e circulações culturais: Alemanha e França na tradição literária e política do século XIX brasileiro*.

Aruanã Antonio dos Passos¹

Alexandro Neundorf²

Resumo: Na história do pensamento brasileiro são frequentes os empréstimos e transferências de idéias, conceitos, paradigmas estéticos e políticos resultantes da influência estrangeira. No contexto do século XIX dois movimentos realizaram uma transferência de bens culturais da Europa (especialmente a França e Alemanha) constituindo uma crítica ao Império, às escolas literárias predominantes e a identidade nacional: o condoreirismo da Escola do Recife e o simbolismo. Partimos dessas duas "escolas" literárias para compreender a forma com que se posicionaram como reação ao clima "hegemônico" das idéias, através do "deslizamento" que a estética aliada a uma projeção política pode lhes proporcionar. De certa forma, uma reação que caminha marginalmente, e nesse sentido como movimentos estético-literários, foram a tentativa de construção de um *lugar* para se pensar o próprio caráter da literatura nacional e propor bases para propor não apenas uma nova mas uma *outra* literatura.

Palavras chave: literatura (século XIX); intelectuais; poder.

Abstract: In the history of the Brazilian thought the loans and transferences of ideas are frequent, aesthetic concepts, paradigms and resultant politicians of the foreign influence. In the context of century XIX two movements had carried through transference of cultural goods of the Europe (especially France and Germany) having constituted a critical one to the Empire, predominant the literary schools and the national identity: the condoreirismo of the Escola do Recife and the symbolism. We take these two literary schools to understand the form with that if they had located as reaction to the hegemonic climate of the ideas, through "landslide" that aesthetic allied to a projection the politics it can provide to them. Of certain form, a reaction that walks marginally, and in this direction as aesthetic-literary movements, had been the attempt of construction of a place to think the proper character of national literature and to consider bases to consider new but a one not only another literature.

* Artigo submetido em 13 de Abril de 2012, e aprovado em 04 de Julho de 2012.

¹ Mestre em História pela UFPR. Doutorando em História pela UFG. Professor do Departamento de História da UEG, Unidade Universitária de Jussara.

² Mestre em História e Doutorando em História pela UFPR. Bolsista CAPES.

Key-words: literature (Nineteenth Century); intellectuals; power.

Introdução: o século XIX, da história e da literatura

O Brasil da segunda metade do século XIX foi profundamente marcado por uma efervescência cultural e intelectual determinante e própria da chamada crise do Império e sua transição para a República. Como assinala Alfredo Bosi, a partir de 1868 a estabilidade do Segundo Império foi abalada definitivamente e sua crise culminaria com a Abolição dos escravos e a proclamação da República (BOSI, 1992: 222). Diversos movimentos culturais e sociais demarcavam a paisagem de fundo dessas manifestações intelectuais. É a época da predominância da influência da cultura francesa no país, do desenvolvimento da imprensa, da luta contra a escravidão, contra a monarquia e contra o atraso do país em relação ao resto do mundo, principalmente o mundo chamado “civilizado”: eminentemente o mundo europeu.

Assim, a compreensão de um projeto de Nação enfeixado por certo evolucionismo é capaz de contribuir com alguns traços distintos do papel do intelectual no século XIX, num contexto cultural onde a efervescência de ideais abolicionistas, republicanos e liberais figurava as tribunas, os gabinetes, assembléias e praças? De que maneira a trajetória de duas escolas literárias guardam em si um projeto cultural fundamentado no caráter da nação próprio à efervescência da crise e declínio do Império no Brasil?

Para compreender o papel de Condoreiros e Simbolistas no panorama cultural oitocentista optamos por analisar a ação desses movimentos através da noção de transferência cultural que guarda em si a acepção de “lugar”.

Nesta acepção, o lugar é também uma base de sentido para os que nele vivem, na medida em que ele fornece, ao mesmo tempo, os alicerces para a confecção de identidades e o *background* que é a história que constituiu esses lugares. O lugar abastece os indivíduos com ancoragens referenciais para estabelecerem grupos de pertencimento, para constituírem-se enquanto indivíduos, para estabelecerem todo um “mercado” cultural (de “compras”, de “empréstimos”, de “trocas”, de “adaptações”, etc.): “o lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em

constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (TUAN, 1983: 198). Um personagem pode ocupar vários lugares, e mesmo, vários lugares ao mesmo tempo. Um lugar é um centro para a organização de mundos (TUAN, 1983: 200). Da mesma forma, um lugar possui uma dinâmica própria, um modo de funcionamento que caracteriza a sua especificidade e garante sua autonomia ante os outros diferentes lugares, embora os lugares encontrem-se sob uma forma intrincada e concêntrica.

Metodologicamente, o uso dessa noção, implica reconhecer que um lugar nunca pode ser recuperado integralmente através da pesquisa histórica, mas pode ser usado como um recurso que fornece “coordenadas” à pesquisa. Uma primeira tarefa constituir-se-ia no entendimento da complexidade que o contexto histórico e, em específico, o contexto das idéias e das formas de interações culturais, possui e na sua relação com os personagens partícipes de tal contexto. Dessa forma, um levantamento e reflexão sobre o ideário que conforma o campo intelectual e literário podem permitir uma melhor compreensão dos fenômenos de recepção, adaptação, transferências e circulação de “bens culturais”. A própria “transferência” cultural, ou ainda a “recepção”, por exemplo, por serem executadas por sujeitos, são um *lugar*, ou ainda, acontecem em *um lugar*. E se o lugar é um produto da experiência humana, então “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH *apud* LEITE, 1998).

Um segundo passo seria compreender a lógica interna, ou em outro sentido, o *modus operandi* desses lugares: lugares de recepção, de transferências, de adaptações (ou de hibridismos), de circulações culturais. Vejamos como isso pode nos ajudar a entender o caso do simbolismo.

Da França para o Brasil: o Simbolismo

O Simbolismo, como estilo literário, surgiu na França como movimento de oposição ao Realismo e ao Naturalismo, e como o ponto para onde confluíram as influências da mística oriental (religião, artes), da crítica às correntes materialistas e cientificistas de uma sociedade industrial que se desenvolvia com vigor nos inícios do século XX.

Possuidor de peculiaridades que atestam esse “dissabor” com relação aos valores e o pensamento resultante da postura cientificista, evolucionista, progressista, o Simbolismo era marcadamente individualista e místico (por isso também chamado pejorativamente de “Decadentismo”), assim como portador de características tais como o subjetivismo exacerbado, na medida em que a visão objetiva da realidade não os interessava, e o transcendentalismo, uma vez que a ênfase voltava-se para o imaginário, a fantasia, o sonho, as formas alegóricas de se dizer algo, o caráter vago, impreciso e indefinido de sua linguagem e, portanto, de sua relação com o mundo. Em outros termos: “Toute pensée émet un coup de dés”³.

Revelador da encruzilhada que um poema simbolista, ou mais claramente, que a linguagem simbolista impõe ao leitor: a necessidade de “escolher”. A ambigüidade, aliada a uma expressividade indefinida, in-objetiva...: mero mistério aparente, neste “lance de dados”, ou uma constatação de como funcionam nossos sentidos e nossa relação com o mundo? Ou, ainda, nesse universo de sentidos, um terceiro, quarto...

Tendo surgido no final do século XIX é reconhecido como o último grande movimento estético deste período. Charles Baudelaire⁴, poeta francês, é apontado como o precursor do movimento, através de sua publicação *As flores do mal* de 1857. Mas é, no entanto, especificamente o seu soneto “Correspondances” que, em geral, é apontado como um ponto de partida para a construção dos cânones e conteúdos simbolistas. Baudelaire foi também influenciado pelas teorias de Edgar Allan Poe, que dissertara sobre a criação poética, onde compreendia a figura do poeta como sendo a de um intérprete do mundo sensível emanando uma simbologia universal, do qual àquele seria a manifestação.

³“Todo o pensamento emite um golpe de dados”. Stéphane Mallarmé, de seu poema, possivelmente, mais conhecido, “Un coup de dés jamais n’abolira le hasard”, de 1897.

⁴ Que é geralmente assim como Mallarmé considerado um autor pré-simbolista.

*La nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.*⁵

Além de Poe, Baudelaire fora influenciado por autores como Novalis e Richard Wagner. No entanto, somente muito posteriormente que o movimento é nomeado, pelo manifesto de 1886 (publicação de Jean Moréas no *Le Figaro*)⁶, como “simbolismo”. Apesar de ter se difundido por Europa e América, é na França que o Simbolismo encontra seus principais expoentes, nas figuras de Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, entre outros de menor expressão.

No Brasil, o Simbolismo é recebido com relativa rapidez⁷, uma vez que já em meados do segundo quartel do século XIX, alguns autores estavam produzindo suas obras e poesias com características nitidamente simbolistas. Naturalmente, certa defasagem temporal ocorre no contexto brasileiro e, em específico, no paranaense. Se é na década de 80 que o Simbolismo alcança sua maturidade no âmbito europeu, no Brasil é já mais ao fim do século e no Paraná ainda alcança uma duração que o permite ser o principal movimento literário até o fim da década de 1910, pelo menos. No Brasil os principais autores foram Cruz e Souza (que publicou já em 1893 seu *Missal e broquéis*), Alphonsus de Guimaraens (de *Dona mística* de 1899) e Pedro Kilkerry, além do grupo paranaense composto por Rocha Pombo, Emiliano Pernetá, Jean Itiberê, entre outros. Este simbolismo nacional enfatizava no plano temático, idéias como as da morte, da transcendência espiritual, da integração com o cosmo, o mistério e o sagrado, os conflitos entre espírito e matéria, angustia e sublimação dos apetites sexuais, etc.

⁵ “A Natureza é um templo onde vivos pilares/Deixam às vezes brotar confusas palavras;/O homem ali passa entre florestas de símbolos/Que o observam com olhos familiares”. Aqui, apenas a primeira estrofe de “Correspondances”, que é quase como que um dos princípios para uma poesia simbolista (BAUDELAIRE, 1985: 114-115).

⁶ E que se declarava absolutamente contrário ao positivismo, realismo e ao naturalismo, ao intelectualismo, ao objetivismo e a rigidez formalista do parnasianismo, por exemplo.

⁷ Tendo-se em conta as dificuldades de comunicação que só começa a se desenvolver efetivamente ao fim do século XIX.

Para abordar o contexto paranaense, uma das questões que precisa ser ligeiramente aprofundada é a da instrução e de sua evolução, por isso aqui a necessidade de uma rápida digressão onde falaremos da situação provincial. No Paraná, ao longo do período provincial, a instrução pública, a desdém da importância e complexidade que as vilas vinham assumindo, era muito precária, sendo o ensino secundário quase inexistente, ou quando passa a ser incentivado (1870 em diante), torna-se um benefício para as elites prioritariamente (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001: 61). Para os filhos dessa elite econômica paranaense, os estudos superiores⁸ se faziam na Europa ou, então, em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, e somente aos que possuíam recursos suficientes para tal empreendimento (BALHANA *et alii*, 1969: 249). Apesar disso, Rocha Pombo procurava mostrar (e construir uma imagem) como a impressão deixada pelas primeiras crônicas sobre o Paraná, era “a da preocupação, desde cedo afirmada, da necessidade de instruir a infância”, onde qualquer vila ou mesmo simples povoação “muito antes de ter se organizado a província, os próprios habitantes mantiveram á sua custa uma escola primaria”. O autor afirmaria mesmo que essa atitude era como que “reveladora das tendências da população” (POMBO, 1900: 169).

Seria, no entanto, somente com a implantação da província que a questão do ensino se encaminharia e com a “primeira legislatura paranaense deu logo provas de que a instrução popular era a causa de todos” (POMBO, 1900: 275-6). Em 1900, descreveria Rocha Pombo a sua situação: “a instrução deve estar hoje muito desenvolvida no Estado – é o mais que podemos dizer” (POMBO, 1900: 279). Posteriormente, e em discordância com o “otimismo” de Rocha Pombo, a constatação de que, com relação ao problema da instrução pública, “sómente acompanhamos, com doloroso olhar, a sua marcha para traz”, uma vez que o governo “por vezes, voltou a sua atenção para elle, não o fez, porem, com proveito”. Por fim, a conclusão: “infelizmente podemos dizer que no Paraná não há instrução” (SILVIUS, 1912a: 01)⁹ e que, aqui, o problema “é mais moral do que material”¹⁰.

⁸ E é conveniente lembrar, que “[...] a letra apareceu como a alavanca de ascensão social, da respeitabilidade e da incorporação aos centros do poder” (RAMA, 1985: 79).

⁹ A segunda parte do artigo, em (SILVIUS, 1912b: 01).

Com este contexto marcado pela educação modesta e timidamente desenvolvida, o campo das letras também se veria afetado. Neste período poucos personagens destacar-se-iam, sendo os principais centros as cidades de Paranaguá e de Curitiba: nomes como Fernando Amaro, Brasília Itiberê da Cunha e Júlia da Costa em Paranaguá, e no âmbito da poesia popular, Bento Cego (VELLOZO, 1894, 1895, 1896¹¹). Apesar do acanhado quadro intelectual, aos poucos, este iria tomando forma para se tornar relativamente marcante nas gerações posteriores, após 1880 e nos inícios do século XX. Uma “primeira geração”, assim nomeada por Tasso da Silveira (SILVEIRA, 1953), também chamada “geração gloriosa” por Rodrigo Junior (JUNIOR; PLAISANT, 1938), ou ainda proposta como o marco do desenvolvimento intelectual do Paraná por Rocha Pombo (POMBO, 1900)¹², seria afirmada por nomes como Gabriel da Silva Pereira, Moysés Marcondes de Oliveira e Sá, Generoso Marques Santos, o próprio Rocha Pombo de a “Honra do Barão”, entre outros autores menores tais como Dias da Rocha Filho, Domingos Nascimento, Joaquim Serapião, Antonio Ribeiro de Macedo, Luis França, Albino Silva e Lúcio Pereira.

Na década de 1890, tem-se um terceiro período de atividade intelectual e literária, mais amplamente exemplificada pelo grupo (caracterizado como o marco inicial do simbolismo no Paraná), e posterior revista, de “O Cenáculo”, cujos nomes mais representativos seriam os de Dario Vellozo, Silveira Neto, Antonio Braga, Júlio Pernet e João Itiberê. Na mesma época, outros vieram ramificar-se àqueles novos personagens num contexto de nítida efervescência embrionária: Emilio de Menezes, Euclides Bandeira, Nestor Victor e Emiliano Pernet entre os principais nomes. Nesta época, no entanto, quem se

¹⁰ Esta constatação seria compartilhada por outros articulistas: das questões a serem resolvidas “a mais explorada pela rhetorica official, é a instrucção publica [...] o actual presidente prestou á instrucção publica primaria um relevante serviço [...] mas isso está longe de resolver o problema, que é mais moral do que material”. (BALLÃO, 1912: 01).

¹¹ Nestes artigos, além de defender a tese de que “o Paraná não tem literatura”, Vellozo divide as manifestações literárias paranaenses em três períodos: da emancipação política da província até o ano de 1870, uma segunda época de 1870 a 1885 e uma terceira, de 1885 a 1895. Também verificar: (PERNETA, 1898); (POMBO, 1900: 289 e ss.).

¹² Em específico o capítulo “Ecclosão intellectual. O vasto movimento litterario dos nossos dias”, p. 289-309, onde menciona que “[...] data de 1875 o notavel movimento intellectual que por assim dizer preparou a arena para a presente geração que explende no Paraná”.

destaca de forma cabal na esfera individual é o literato e historiador Rocha Pombo (que perpassou duas gerações) e o escritor e crítico literário Nestor Victor (BALHANA et alii. 1969: 249-58).

É também ao longo desse período, de 1880 a 1900, que se encontra o momento de formação e apogeu do “grupo mais orgânico de escritores” que o Paraná já conheceu: os simbolistas (BEGA, 2001: 06). Mas não só, esse período é também marcado por “intelectuais” que queriam “[...] iluminar o país pela ciência e pela cultura, preocupados não apenas em superar a ignorância pela ciência, mas também o singular pelo esforço da universalização”(BEGA, 2001: 14-5), sendo essa proposta verificada em muitos dos clubes, revistas e jornais do período. A geração posterior seria formada pelos colaboradores das revistas *Azul* e *O Sapo* principalmente, sendo Euclides Bandeira, Tiago Peixoto, Adolfo Werneck, Evaristo Pernetta, Santa Rita, entre outros, os nomes mais expressivos. Bandeira foi o mais destacado da geração conhecida como os “novos”: além de republicano convicto também se envolveu na defesa do anticlericalismo, participando de inúmeras revistas simbolistas e jornais da capital. Sua “reação dos novos” possuía muito mais um caráter de questionamento temático em relação à “geração dos novíssimos” (caracterizada pela presença de um agudo cunho espiritualista) do que propriamente de ruptura em relação à geração consagrada de Dario Vellozo, sendo que, como resultado dessa reação, o grupo por ele liderado fundaria o Centro de Letras do Paraná.

O simbolismo no Paraná estruturou-se de uma forma diferente, comparado com outros contextos brasileiros, como o Rio de Janeiro, por exemplo, onde foi muito mais um movimento marginal com vida efêmera: no Paraná, não só garantiu sua longevidade até a década de 1920, como teve uma relação muito mais próxima com o público. Sua estética pós-romântica, influenciada pelo que foi chamado de “decadentismo” e por uma orientação anti-positivista em parte, encontrou oposição nos movimentos pós-românticos como no parnasianismo e o naturalismo (com maior aceitabilidade do público), o que, de fato, contribuiu para que o Simbolismo não se tornasse mais influente no Brasil de um modo geral. Além das dificuldades locais, afinal no Brasil a tônica residia no clima de cientificismo e em

sua matriz nacionalista como critérios de validação, assomaram-se as características de uma estética excêntrica de difícil compreensão, envoltas em um clima de esoterismo e ocultismo.

E uma de nossas hipóteses, aqui, é o de que o Simbolismo no Paraná se desenvolve como uma reação ao clima “hegemônico” das idéias (apresentadas posteriormente), através do “deslizamento” que a poética pode proporcionar. Deslizamento no uso de expressões que atijam novas imagens sobre o mundo. Deslizamento no uso de antigas expressões, mas com usos semânticos novos, como, por exemplo, no uso que Mallarmé faz do “lance de dados” no âmbito de um pensamento, qualquer que fosse. Enfim, deslizamento como a criação de imagens movediças sobre o mundo, a fim de compreendê-lo, não como um real objetivamente alcançável, mas como “real” circunscrito pela linguagem que o produz e conduz sua inteligibilidade. É através da linguagem que os simbolistas desejam expressar o “simbolismo” subjacente às coisas dispostas no mundo. É na linguagem, e em específico, na linguagem simbolista, que se encontra o lugar para a reflexão e compreensão do mundo. E “reação”, como resposta mesmo, a um pensamento (ou a um sistema de pensamento) onde o cientificismo (objetivismo, clareza, a idéia de um mundo plenamente compreensível, etc.), o evolucionismo (teleologia, progresso, destino), o materialismo, entre outras grandes idéias, são a regra que organiza e direciona o pensamento sobre o mundo. De certa forma, uma reação que caminha marginalmente, e nesse sentido, o Simbolismo, como movimento estético-literário, é a tentativa de construção de um lugar para os que não têm lugar¹³. No Paraná, inclusive.

Um dos problemas que surgem, a partir disso, é o da compreensão não só da lógica subjacente a essa “construção de lugar”, como das próprias vicissitudes dessa construção. Construção que, logicamente, não se constitui apenas a partir de estratégias “conscientes”, mas em grande parte, se constituem no devir natural dos acontecimentos, nas oportunidades produzidas pela ação do acaso. Por exemplo, da necessidade de um espaço outro, que não o do proporcionado pelas idéias em voga, a facilidade e o oportunismo em se visualizar em uma

¹³ Mesmo que este *lugar* seja, simplesmente, o da contradição, como ficará mais claro adiante.

tradução de texto francês, publicado em jornal local¹⁴, o motivo principal, ou inspiração, para dar vazão a uma “alma poética”¹⁵.

Outro problema decorrente do que até aqui foi exposto, é o da reflexão sobre este lugar construído, e até onde ele é objeto da “transferência” de valores, ou idéias, de um sistema de pensamento europeu (ou, especificamente, francês), em contraparte a uma superposição de outras visões de mundo, constitutivas assim, de um sistema híbrido, ou sincrético, no caso paranaense. Como pensar, desta forma, um movimento como o Simbolismo (acontecendo no Paraná), ancorando-se em diferentes níveis do universo mental – por exemplo – disponível, e constituindo-se como um fenômeno, mesmo que minimamente, original e dotado de especificidade? Âncoras que, ao prenderem-se a determinados aspectos (mentais, históricos, materialidades culturais, etc.) constitutivos de um contexto determinado, formam não só um quadro fornecedor de inteligibilidade, como mesmo, produzem a especificidade, ou uma cor local. Âncoras que, se compreendidas, podem dar luz aos movimentos das idéias: transferências, deslocamentos, perversões, superposições, etc.

Por fim, um último problema, aqui formalmente exposto, é o de compreender como em alguns momentos (em certos autores), ocorre uma imbricação de idéias, ou ancoragens, reveladoras de uma lógica contraditória. Porque autores como Rocha Pombo, por exemplo, ao mesmo tempo em que escrevem poemas simbolistas, ou então o romance simbolista *No hospício*, estão em outras obras enfatizando valores como os de progresso, de “mecanização”, de objetividade, etc. Essas contradições são reveladoras de um sistema de pensamento que se resume no deleite estético das construções poéticas simbolistas simplesmente, ou então, vinculam-se a uma lógica que “perverte” e “adapta” as idéias, ou ainda, a manifestação de um sistema de pensamento dual sobre o mundo? Como pensar essas ancoragens contraditórias, essas relações tecidas com “retalhos” ou superpostas?

¹⁴ Como por exemplo, os poemas de Baudelaire e Mallarmé, traduzidos, ou em jornais cariocas e paulistanos, ou pelo próprio Jean Itiberê, e publicados em jornais locais como no Dezenove de Dezembro (15.11.1886), assim como nas dezenas de revistas que surgiram a partir, principalmente, da década de 1890.

¹⁵ Sinônimo de literato, poeta simplesmente, todo aquele que possui o “dom” poético. Idéia presente em diversos textos, crônicas, críticas, etc. publicados em jornais curitibanos.

Com relação ao contexto das idéias em evidência no Paraná da época, um dos aspectos principais, e também o mais genérico, é o do próprio resultado da influência positivista. Toda uma geração de “intelectuais” e “técnicos” seria formada sob os auspícios do pensamento cientificista, em específico, na tônica da filosofia positivista comtiana e, posteriormente, durkheimiana (ou mesmo na heterodoxia de um Paul-Émile Littré, autor positivista relativamente difundido no Brasil). Nesse sentido, um dos principais aspectos é a perspectiva evolucionista no pensamento intelectual, que se desdobra sob a forma da visão progressista (ou mesmo teleológica¹⁶) da história da civilização e, em um sentido mais comum, na própria idéia de “destino”.

Os exemplos dessa visão de mundo, que podem “testemunhar” a ampliação dos horizontes intelectuais no contexto específico do Paraná da virada do século, poderiam ocorrer ininterruptamente, no entanto, alguns se fazem necessários. Rocha Pombo, em seu “Paraná no Centenário” de 1900, falando – obviamente – do Paraná, comenta sobre “[...] algumas questões especiais ligadas aos nossos destinos” (POMBO, 1900: X), como também, em relação às comemorações do 4º centenário, menciona aquilo que chama “eixo da existência moral do planeta”(POMBO, 1900: 01) e termina sua introdução com uma verdadeira “profissão de fé”:

O Paraná, deste modo [em relação às comissões organizadas para os festejos do 4º centenário], associa-se a esse nobilíssimo grupo de almas, confraternizadas numa das demonstrações mais bellas e mais augustas de quantas até hoje assignalam na Historia a nossa virilidade de povo e a nossa consciencia de nação, o nosso heroísmo no trabalho e a nossa perseverança na persecução do destino. (POMBO, 1900: XIII).

Outro historiador da época, Romário Martins, ao abrir os seus “Documentos Comprobatórios” de 1915, inicia com a epígrafe de um Littré: “para aquelles que tratam scientificamente a historia, a empresa consiste hoje em traçar as vias e os meios pelos quaes

¹⁶ Interessante observar o papel que as “previsões” teriam na mentalidade à época: “O famoso barão Ergonte, Mucio Teixeira, deitou prophecias sobre o anno em começo, pela imprensa do Rio. Prophecias horríveis! É bem de ver que muitas, tiradas por indução, hão de se realizar, valorizando os dons propheticos de Mucio.” (JUNIOR, 1912: 01).

cada presente procedeu de cada passado” (LITTRÉ, Paul-Émile, *Fragments de philosophie positive* apud MARTINS, 1915), numa linha que deixa poucas dúvidas acerca de sua perspectiva “genética” de “evolução” histórica. Ou então, continuando com os exemplos, a visão de um personagem quase anônimo, em sua publicação em um dos jornais locais, verifica que “o progresso, que estabeleceu a sua tenda na nossa formosa Capital” é a “causa desse phenomeno que nos assalta” (CESAR, 1912), referindo-se ao “fenômeno” do saneamento. Dessa forma, é verificável que uma mentalidade permeada pela idéia de evolução, tanto na acepção progressista como na teleológica, fosse relativamente difundida na sociedade paranaense do início do século XX.

Na série de desdobramentos da mentalidade cientificista no Brasil¹⁷, outro aspecto que surge como de absoluta importância no entendimento da mesma, é o do lugar que ocupa a idéia de “raça” e de “meio” (advindas das teorias raciológicas¹⁸ em voga a partir da segunda metade do século XIX). Essas idéias teriam sido “importadas” muito mais como um movimento de recepção seletiva, a fim de explicar as causas do “atraso” brasileiro comparado com os países europeus, do que uma simples imitação ou aceitação inconsciente. Nesse sentido, as teorias que aqui vingaram no que tange a idéia de “raça”, ocuparam um lugar de destaque, na medida em que produziam “o” sentido para o lugar que o Brasil ocupava na roda da evolução: o lugar do atraso, mas que, nas disposições otimistas, era referendada por um destino infalível e glorioso¹⁹.

O reverso da moeda, o dos posicionamentos pessimistas, verificar-se-ia nas perspectivas ressentidas, nas quais o Brasil insistiria em não “dar certo”, por conta das idéias – entre outras – de que a própria natureza dos trópicos seria contrária ao desenvolvimento de

¹⁷ Importante lembrar o papel que os viajantes estrangeiros tiveram ao influenciar, com seu naturalismo científico, inúmeros pesquisadores brasileiros, e mesmo outras esferas como a política imperial, envolta na mentalidade romântica. A Áustria (Spix e Martius, 1817-1830), a França (Saint Hilaire, 1816-1822, a Missão Artística Francesa de 1816) e a Rússia (Langsdorff, 1824-1829) tiveram o privilégio de desenvolver suas expedições exploratórias no Brasil (Cf. COSTA, 2003).

¹⁸ Termo empregado por Renato Ortiz (ORTIZ, 2003). Ou então, o também empregado oxímoro “racismo científico”.

¹⁹ Mesmo Gobineau, um crítico (ou “inimigo cordial”) do Brasil, teria apontado em “L’emigration au Brésil: l’empire du Brésil à l’Exposition Universelle de Vienne” de 1873, que o Brasil “tinha jeito” (GAHYVA, 2007: 152-159).

uma civilização, de que a população não possuía as características culturais, sociais e psicológicas que propiciassem seu amadurecimento e que o próprio *modus operandi* (imitação das teorias e idéias européias) das “coisas da inteligência” seria um reflexo dessa falta de amadurecimento, ou mesmo, de capacidade potencial.

Dessa forma, as idéias-matriz de “evolução” e “raça”, seriam pensadas de forma imbricada e implantadas no estudo da realidade brasileira. A partir dessas idéias, a derivação de inúmeros pressupostos iria permear os discursos intelectuais: o antagonismo entre cidade e suas margens, então chamadas “sertão”; de forma análoga, a incompatibilidade entre o que se desejava moderno e o primitivo, em outros termos, as fronteiras entre a “civilização” e a “barbárie”; o problema da identidade e a estigmatização da diferença.

Por trás dessa “receptividade” de idéias como as de “raça” e “evolução” está também um fator de ordem política, que acaba por dotar de sentido a seletividade que caracteriza essa apropriação: a questão do nacionalismo. É nesse aspecto que o projeto político nacional, que visa à fusão entre o estado e a nação, recorre a “idéias” (na maior parte, “importadas”, porém “adaptadas” ao contexto) que forneçam uma explicação plausível para os problemas decorrentes da aplicação da ideologia nacionalista: o evolucionismo se não explicava a atual situação, ao menos propunha a possibilidade de um futuro triunfante ao mesmo tempo em que colocava em suspensão uma resolução dos problemas coevos; as teorias racialistas, no entanto, almejavam uma resposta imediata aos problemas de desenvolvimento social, cultural e econômico, enfim, ao atraso brasileiro ante os países europeus; e a modernização seria uma tentativa de impor de forma mais pragmática o desenvolvimento nacional, ou então, a “evolução de uma civilização”.

Nesse contexto, marcado por essa tessitura de idéias (às vezes antagônicas) tão diversa e complexa²⁰, assim como por um contexto histórico específico, determinados personagens

²⁰ Até aqui foi apresentado, logicamente, apenas uma parte, demasiadamente circunscrita, de um quadro geral muito mais amplo, complexo e intrincado, onde idéias, as mais diversas, encontram-se e adaptam-se com outras já em circulação, em um processo de hibridização (ou “sincretização”) que torna específico cada lugar que compõe um objeto de estudo. Afinal, cada idéia, ou cada sistema de pensamento num plano mais amplo, referencia-se em uma dêixis própria.

foram responsáveis por ações que promoveram não só a formação, como o desenvolvimento e a própria identificação, de um movimento estético-literário dotado de identidade e relativa originalidade.

Da Alemanha para o Brasil: o Condoreirismo de Tobias Barreto

O século XIX não foi apenas o século da História. Também foi o século do rompimento com a tradição. Tradição aqui entendida, principalmente em duas vias: a via política (o império) e a via cultural. Nesse último aspecto o panorama cultural impunha aos intelectuais brasileiros o desafio de pensar a identidade e o caráter nacional. Dessa forma o país oscilava entre a influência de modelos culturais estrangeiros, principalmente o europeu e a construção de um movimento cultural autenticamente brasileiro.

É nesse contexto que um grupo de intelectuais liderados por Tobias Barreto (1839-1889)²¹ e Silvio Romero (1851-1914) funda a chamada “Escola de Recife” na capital de Pernambuco na década de 1860²². Entre os objetivos da “Escola” figurava o desejo de alçar o Nordeste brasileiro como centro intelectual tão importante quanto São Paulo e o Rio de Janeiro, de romper com o isolamento cultural em que a região se encontrava. Nesse projeto intelectual nascido na Escola de Direito do Recife esses intelectuais, construíram certa projeção para a cultura e para o caráter nacional. Falamos em caráter nacional em detrimento dos debates historiográficos em torno da busca por uma identidade nacional estreitamente

²¹ Tobias Barreto de Menezes nasceu em Campos, Sergipe, em 7 de junho de 1839 e morreu no Recife, Pernambuco em 26 de junho de 1889. Em 1862 Tobias Barreto muda-se para o Recife ingressando na Faculdade de Direito em 1864 concluindo o curso de Direito em 1869 voltando então a viver no interior. A partir de 1871 passa a morar em Escada, atuando como advogado, sem perder o contato com a vida intelectual de Recife. Permanece em Escada até 1881 quando presta concurso para professor da Faculdade de Direito em Recife. Aprovado em primeiro lugar toma posse como professor substituto em 1882. Sua vida boêmia prejudica muitos de seus projetos intelectuais.

²² Utilizamos o termo Escola como frequentemente aparece nos estudos sobre o movimento, no entanto é questionável a aplicação da noção de escola para esse grupo de estudantes e professores reunidos na Faculdade de Direito do Recife. Os principais nomes ligados à escola foram: Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Graça Aranha, Artur Orlando, Clóvis Beviláqua, Martins Júnior, Faelante da Câmara, Oliveira Teles, Sampaio Leite, Augusto Franco, Urbano Santos, Abelardo Lobo, Vitoriano Palhares, José Higinio Duarte Pereira, Araripe Júnior, Gumercindo Bessa, João Carneiro de Sousa Bandeira dentre outros (FILHO, 1985: 47-48).

ligada ao debate racial. Renato Ortiz, ao estudar as teorias raciais do século XIX com base em Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, afirma que “o que se propõe os intelectuais do período é a construção de uma identidade de um Estado que ainda não é” (ORTIZ, 1982: 34).

Romero chega ao Rio, ainda, trazendo consigo a influência de um grupo de autores e de um mestre: a Escola de Recife e Tobias Barreto. A Escola do Recife, da qual Barreto foi figura central, significou, como ressalta Saldanha, um esforço para pensar o país, e tanto Romero quanto Barreto salientaram a necessidade de buscar soluções para os problemas brasileiros a partir da análise da índole nacional (SOUZA, 2004: 11).

Ora polemizando com os “centros” políticos e culturais do Brasil agrário do século XIX, esses juristas, poetas, filósofos, críticos, políticos, ora estabelecendo um diálogo direto com outros modelos estrangeiros que não apenas o francês, esses intelectuais foram responsáveis por múltiplos debates que iam da literatura estrangeira anglo-saxã²³ à filosofia alemã passando pela música e poesia nacional.

Nesse contexto Tobias Barreto se destaca e passa a ser considerado por muitos como o mais ilustre dos membros da escola. Em primeiro lugar por sua capacidade intelectual reiterada não apenas por Sílvio Romero, também por diversos biógrafos e comentadores de sua obra²⁴ visto como, “boêmio, revoltado, amigo de polêmicas, sua vida foi uma série de atropelos e desafios” (COSTA, 2004: 339). E no campo das ideias Tobias Barreto exerceu de forma marcante os espaços por onde passou e os diversos laços sociais que estabeleceu como professor, como escritor, como político, como polemista, como abolicionista.²⁵

²³ Veja-se principalmente o texto de Tobias Barreto, *Nota sobre a literatura da América do Norte* (1886), onde Tobias traça um panorama geral da tendência assumida por essa literatura e que é chamada de *yankeísmo*, ou seja, o caráter nacional que passa a definir a literatura na América do Norte (Cf. BARRETO, 1978: 50).

²⁴ Destacamos: Hermes Lima, Evaristo Moraes Filho, Clóvis Bevilácqua (integrante da escola de Recife), Gilberto Amado, Paulo Dantas.

²⁵ Sob o aspecto do movimento abolicionista a bibliografia atinente à participação de Tobias Barreto não é unânime. Alguns autores como Evaristo de Moraes Filho afirma que Tobias Barreto chegou a “ficar para trás, superado e hesitante, perdido entre os livros” mesmo sendo mulato e tendo vivido o preconceito quando tentara se casar (FILHO, 1985: 144). Já Angela Alonso em trabalho recente sobre Joaquim Nabuco evidencia um episódio interessante onde: “Com José Mariano, fundou a Sociedade Pernambucana contra a Escravidão e foi à

Os estudos sobre o pensamento brasileiro da segunda metade do século XIX constituem numa tradição já bastante explorada nas ciências sociais e na História. Como ressalta José Murilo de Carvalho, diversas abordagens se destacam. Das que enfatizam correntes de pensamento até as que defendem uma abordagem sociológica onde as idéias são vinculadas as classes e grupos sociais emergentes, as perspectivas são variadas.

Um dos principais estudos em torno do movimento de idéias da intelectualidade nesse momento histórico é a tese de Angela Alonso sobre a geração de 1870 e seu papel na crise do Império (ALONSO, 2002). Através de uma sociologia das idéias da geração de 1870, Angela Alonso prioriza uma percepção das variadas idéias onde as divergências são relegadas a um segundo plano em nome de uma relação elementar, “estruturante” entre o contexto social e a própria existência de determinadas idéias.

Sabemos que a constituição da elite política imperial foi bastante tributária dos bacharéis e letrados. No movimento de idéias e ideais da segunda metade do século XIX e concentrados na chamada geração de 1870, a relação estabelecida com o Império é bastante irregular. Em muito as ondas de racionalização e crítica a um sistema político fadado a crise que é acelerada, segundo Angela Alonso, pelos diversos intelectuais da geração de 1870 e pelo *status* do intelectual²⁶. Para José Murilo de Carvalho: “Tanto as idéias e valores que predominavam entre a elite, como as instituições implantadas por esta mesma elite mantinham relação tensa de ajuste e desajuste” (CARVALHO, 2003: 417).

Isso pode ser compreendido porque a geração de 1870 foi constituída por intelectuais “marginalizados” da política imperial. Um estrato social letrado formado por profissionais liberais, jornalistas, bacharéis que “para exercer sua insatisfação, buscaram espaços de protesto na nova imprensa e procuravam doutrinas que os ajudassem a criticar a situação desvantajosa em que vivenciavam e que legitimassem seus anseios de mudança”(ALONSO,

Escada, encontrar Tobias Barreto. Os três pediram aos proprietários locais a alforria de seus escravos e denunciaram o uso de açoites – agora ilegal – ao presidente da província” (ALONSO, 2007: 215).

²⁶ Em torno do prestígio das profissões liberais que contém em si grande parte dos intelectuais, “apenas, no Brasil, se fatores de ordem econômica e social – comuns a todos os países americanos – devem ter contribuído largamente para o prestígio das profissões liberais, convém não esquecer que o mesmo prestígio já as cercava tradicionalmente na mãe-pátria” (HOLANDA, 1995: 157).

Angela, 2002: 87), não gratuitamente para Sílvio Romero, Tobias “ficou [...] como o mestre injustiçado; o provinciano esquecido a ser resgatado” (ALONSO, Angela, 2002: 11).

No entanto, mesmo que levamos em consideração os pareamentos explicativos utilizados por Angela Alonso ao estabelecer a relação entre esses grupos sociais e a formação das idéias nas diversas correntes de pensamento, nos deparamos com uma dificuldade imensa em “classificar” Tobias Barreto em uma corrente específica. Angela Alonso considera Tobias Barreto e a “Escola de Recife”, como positivistas abolicionistas, e ainda assim de modo flexível já que estariam: “Mais perto dos liberais republicanos na ação política, mas vizinhos dos positivistas abolicionistas em experiência social e em ângulo de interpretação do Brasil” (ALONSO, Angela, 2002: 222), sua crítica seria eminentemente reformista, um pensamento até mesmo em certas circunstâncias moderado.

Já Celeste Cordeiro nos apresenta outra definição possível para Tobias Barreto. Segundo a sua perspectiva Tobias é muito mais um liberal cientificista, juntamente com Silveira Martins, Tavares Bastos, Clóvis Beviláqua, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Sílvio Romero: “Trata-se de uma ampliação do interesse eminentemente político dos doutrinários, voltando o enfoque liberal para os temas sociais, econômicos, educacionais e religiosos” (CORDEIRO, 1997: 109).

Logo a perspectiva da trajetória individual em meio a um contexto social mostra-se alternativa para se pensar a diversidade do sujeito na história. Dentro da historiografia estudos que enfatizaram a trajetória e a atuação política de personalidades abriram uma perspectiva fundamental para se pensar o todo a partir da experiência de indivíduos em seus respectivos contextos sociais. Destacamos a tese de Joseli Nunes de Mendonça, que analisa a atuação pública de Evaristo de Moraes e aspectos da sua experiência pessoal com os movimentos abolicionistas, republicanos e socialistas na passagem do Império à República (MENDONÇA, 2004). Joseli Nunes de Mendonça não busca simplesmente construir uma biografia de Evaristo de Moraes, mas sim “abordar as dinâmicas e processos sociais na perspectiva de uma experiência particular” (MENDONÇA, 2004: 20).

Outro trabalho importante foi realizado por Sidney Chalhoub em torno da obra literária de Machado de Assis. Através do estudo de seus romances e sua atuação enquanto funcionário público na segunda seção da Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura (1870-1880 aproximadamente) (CHALHOUB, 2003: 10). O estudo de Chalhoub desvendou os meandros com que Machado de Assis escreveu sobre os acontecimentos que vivenciou em seu tempo por meio de sua obra, das críticas e respostas que o “bruxo” deu a esses acontecimentos através de seus romances.

Em outro trabalho que tomou como escopo a obra e vida de um literato Raphael Frederico da Silva se debruçou em sua dissertação de mestrado sobre os impasses e contradições da identidade social de Lima Barreto diante de sua condição racial (SILVA, 2002). Partindo do estudo de Norbert Elias sobre Mozart (ELIAS, 1995), Frederico da Silva conduz sua análise da identidade social de Lima Barreto levando em consideração a inserção sociocultural em que o indivíduo se enquadra e estabelece a sua trajetória. Trata-se de um estudo de trajetória social.

Assim com a construção de identidades, tanto individuais quanto coletiva são tarefas que se intensificam no século XIX, também as noções de cidadania e cultura nacional pertencem a esse contexto. Dessa maneira é recorrente nas ciências sociais e nos estudos sobre o Segundo Império a idéia de que neste período da história do Brasil foram construídos diversos conceitos que orientam o que entendemos por Nação e povo brasileiro.²⁷ Nesse contexto Sílvio Romero demarca a posição da Escola de Recife em texto datado em 1900, “Explicações indispensáveis”, escrito para as *Obras Completas* de Tobias Barreto e organizadas por ele:

Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje, que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não tem mais o sabor da novidade, nos lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, critica religiosa,

²⁷ Sobre o assunto é fundamental destacar o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para a construção do Estado-Nação brasileiro no século XIX. (Cf. GUIMARÃES, 1988).

naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folk-lore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da escola de Recife. Tobias foi o mais esforçado combatente, com o senso de visão rápida de que era dotado (ROMERO, 1926: XXVII).

Tanto para Tobias Barreto quanto para Silvio Romero a capital Federal e a Corte representavam a face “sombria de toda sorte de males” que afetava a vida na época e as muitas polêmicas ressaltamos a crítica de Tobias Barreto a José de Alencar tendo em vista que Alencar se transfere do Nordeste para o Rio de Janeiro: “o renome literário, de que se acha apossado o Sr. José de Alencar, é um dos mais claros sintomas do nosso estado de inanição e marasmo intelectual” (BARRETO, 1978: 12).

Essa vontade de contestação à procura de um espaço no universo intelectual brasileiro é exemplarmente denotado no percurso intelectual de Tobias Barreto com pelo menos três fases distintas. A primeira marcada pela passagem do ecletismo espiritualista e o positivismo para o naturalismo de Haeckel e Ludwig Noiré em 1869, tendo como texto emblemático “Sobre a religião natural de Jules Simon”.

A segunda é caracterizada pelo germanismo defendido por Tobias frente o predomínio da cultura francesa no Brasil.

Segundo Hermes Lima, o germanismo era a erudição de Tobias fazendo-se arma: “Para irritar o burguês com uma nota mais ostensiva de superioridade, abria freqüentemente seu luminoso leque de pavão: o germanismo. Um dos periódicos redige-o mesmo em alemão, o *Deutscher Kampfer*. Era um luxo, uma extravagância”.²⁸ E nas palavras do próprio Tobias: “Já o declarei com toda franqueza: no presente escrito, a Alemanha é o centro das minhas operações, é o meu ponto de partida, o meu *terminus comparationis*” (LIMA, 1957: 85).

Em muito Tobias identificava o Brasil com a Alemanha sob alguns aspectos. Na segunda metade do século XIX a Alemanha vive seu momento de unificação sob o comando de Otto Von Bismarck, enquanto o Brasil abandonava gradualmente a escravidão e o passado

²⁸ O *Deutscher Kampfer* (“Lutador Alemão”) teve vida curta e pouca repercussão. Tobias o produziu em Escada no interior de Pernambuco. Uma tradução dos exemplares se encontra em (BARRETO, 1990); (Cf: LIMA, 1957: 26).

“feudal” (LIMA, 1957: 116), modernizava-se gradualmente. No entanto a admiração pela Alemanha ganhou contornos de germanofilia: “Isolou-se em Escada com os olhos fitos em Berlim. Ali acabou de aprender alemão, sozinho como começara. Vencedora de guerra, unificada, poderosa e em plena fase de industrialização, a Alemanha, pela voz de Haeckel, acolhera o evolucionismo ruidosamente” (LIMA, 1957: 254-5). Ainda assim o lugar de sua germanofilia pode ser considerado como um norte para o Brasil:

A verdade, no entanto, é que sempre foi nacionalista e muito amou este País como poucos, procurando lhe chamar a atenção para os seus defeitos e para o seu atraso, medindo-o pelo avanço de outras nações, principalmente da sua querida Alemanha, nem sempre compreendendo as dificuldades, se não a impossibilidade, dessa aproximação, devido aos desníveis de desenvolvimento econômico e social (FILHO, 1985: 173).

A partir do contato com a filosofia alemã Tobias começa a realizar uma crítica mais madura e apurada do positivismo de onde emerge o culturalismo. Cobrindo os seis últimos anos de sua vida as suas teses sobre a cultura encontram aqui sua formulação mais clara e precisa. Segundo Pedro Calafate “um dos temas mais relevantes da obra de Tobias é certamente o da Cultura, na linha daquilo a que seus posteriores analistas, com relevo para Miguel Reale e Antônio Paim viriam a designar como o culturalismo brasileiro” (CALAFATE, 1997: 39).

Essa reflexão de Tobias sobre a cultura demarca uma evolução intelectual que culmina com a formulação de uma teoria da cultura (CARVALHO, 2002: 88). O que procuramos perceber é a articulação dessa teoria com as diversas polêmicas e posições políticas em que Tobias Barreto se envolveu. Exemplo da força dessa perspectiva é o modo com que Tobias entende o crime e sua superação na sociedade. Segundo ele há uma tendência inata de alguns para o crime, mas a inexistência ou não na sociedade será determinado pela correção da natureza pelo refinamento da cultura, já que o direito é o desenvolvimento dos costumes.

Nesse sentido, no interior da teoria da cultura formulada por Tobias percebe-se que o centro nodal é o seu interesse pela raiz moral das ações humanas. De uma maneira geral a

cultura passa a ser para os culturalistas “um *a priori* no qual o homem edifica existência singular”(CARVALHO, 2002: 89), tal qual na superação do crime. Por isso para Tobias a cultura é um modo de edificar uma sociedade mais justa e democrática(CARVALHO, 2002: 90). Não à toa sua crítica se mostra em diversos momentos, muito áspera diante da condição do Brasil nesse momento. O criticismo para Tobias Barreto fora um modo de impor desafios numa tarefa que ele não abandona desde a fundação da escola de Recife até a sua morte: provocar o movimento, a ação contra o ostracismo intelectual que reinava em seu meio.²⁹

Provocar o movimento fora no século XIX o grande lenitivo dos intelectuais que buscaram afirmar uma cultura nacional frente a outras nações. Essa necessidade foi fortalecida pela proclamação da República e o forjamento de símbolos e heróis que veio com ela. Aos nossos olhos tanto a Escola do Recife quanto o simbolismo caminharam nessa direção. Cada qual em seu contexto sócio-cultural buscou na França e na Alemanha seus referenciais do qual apropriaram conceitos adequando-os à realidade tupiniquim. Assim, mesmo quando aparentam falar do estrangeiro era a si mesmos que se referiam. Perceber a maneira com que esses modelos estrangeiros foram apropriados e pensados pela intelectualidade brasileira constitui tarefa salutar diante da nossa sempre inconclusa e complexa “identidade nacional”.

Referências

- ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BALHANA, Altiva Pilati *et alii*. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BALLÃO, Jayme. A Nova Administração. *Diário da Tarde*, 16 de fevereiro de 1912.
- BARRETO, Tobias. *Crítica Literária*. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978.
- _____. *Monografias em alemão*. São Paulo: Record, 1990.
- _____. *Obras completas*. Vol. 9: “Questões vigentes” (philosophia e direito). Edição do Estado de Sergipe, 1926.

²⁹ Podemos estender o comentário de Angela Castro Gomes sobre a obra de João Ribeiro a Tobias Barreto: “Brasil é este país ‘vagaroso’ por força mesmo de sua grandeza material, que dispersa energias e exige imenso esforço de coordenação” (GOMES, 1996:110).

- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 114-115.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese de doutorado em sociologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALAFATE, Pedro. O pensamento filosófico de Tobias Barreto. *Revista de Hispanismo Filosófico*. N. 2, 1997, p. 37-48.
- CARVALHO, José Mauricio de. O tema da cultura na filosofia brasileira. *Utopía y praxis Latinoamericana*. Ano 7, n. 17, junho de 2002.
- _____. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CESAR, Braulio. Curitiba Progride.... *Diário da Tarde*, 06 de janeiro de 1912.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CORDEIRO, Celeste. *Antigos e Modernos no Ceará Provincial*. São Paulo: Annablume, 1997.
- COSTA, João Cruz. “O pensamento brasileiro sob o Império”. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *O Brasil monárquico*. Vol. 3: Reações e transações. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- COSTA, Wilma Peres. “Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos”. In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (Org.). *Intelectuais, sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FILHO, Evaristo de Moraes. *Medo à Utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.
- GAHYVA, Helga. Brasil, o país do futuro: uma aposta de Arthur de Gobineau? *Alceu*, vol. 07, n. 14, jan./jun. 2007, p. 152-159.
- GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Nacional. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, n. 1, 1988.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 29 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUNIOR, Celestino. A Blague. *Diário da Tarde*, 10 de janeiro de 1912, p. 01.
- JUNIOR, Rodrigo; PLAISANT, Alcebíades. *Antologia Paranaense*. 1938.
- LIMA, Hermes. *Tobias Barreto (a época e o homem)*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- MARTINS, Romário. *Limites entre os estados do Paraná e Sta. Catharina*. Vol. 01: Documentos. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1915.
- MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Evaristo de Morães: justiça e política nas arenas republicanas (1887-1939)*. Tese de doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PERNETA, Emiliano. Literatura no Paraná em 1890. *Revista do Club Curitibano*, 1898.
- POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário*. 1500-1900. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências*. UFRJ, vol. 21, 1998.
- ROMERO, Sílvio. “Explicações indispensáveis”. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol. X: Vários escriptos. Sergipe: Edição do Estado do Sergipe, 1926.
- SILVA, Raphael Frederico da. *A “moléstia da cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 2002.
- SILVEIRA, Tasso. Literatura paranaense – Notícia Histórica. *Álbum do Centenário*. 1953.
- SILVIUS. Nas regiões do ensino. *Diário da Tarde*, 31 de janeiro de 1912a.
- _____. Nas regiões do ensino. *Diário da Tarde*, 01 de fevereiro de 1912b.

- SOUZA, Ricardo Luiz. Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero. *Revista de História Regional*. Vol. 9, n. 1, 2004, p. 9-30.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Cultura e educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- VELLOZO, Dario. A literatura no Paraná. *Revista do Club Coritibano*. 1895.
- _____. Esmerilhos – literatura no Paraná. *Revista do Club Coritibano*. Nos. 04 e 06 de 1896.
- _____. Pela literatura. *Revista do Club Coritibano*. N. 08 de 1894.